

FRUTICULTURA – MUNDO

** Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O respeito e as interações entre os países são fundamentais para equilibrar os interesses mútuos, em que as relações internacionais ultrapassam o conceito de diplomacia, sinalizando o caminhar num mundo cada dia mais integrado aos ambientes de negócios.

A percepção das necessidades e das ofertas de seu potencial parceiro nas trocas comerciais impõe a necessidade de profundos conhecimentos econômicos, sociais, políticos e, inclusive, culturais, para o sucesso da parceria.

A China, país de dimensões continentais e com a maior população do planeta, 1,4 bilhão de habitantes, é também o principal produtor mundial de frutas, segundo a FAO/ONU – Organismo de Agricultura e Alimentação, da Organização das Nações Unidas.

Em 2019, a fruticultura proporcionou colheitas de 254,3 milhões de toneladas, extraídas de 16,6 milhões de hectares, contribuindo com 26,3% da produção mundial e 16,0% da área com frutas.

As frutas frescas, colhidas em 15,5 milhões de hectares, geraram um volume de 249,2 milhões de toneladas, posicionando o gigante asiático como líder na produção

mundial de ameixas, caquis, kiwis, maçãs, melancias, melões, pêssegos e nectarinas, peras, *grapefruits*, morangos, tangerinas e uvas; segundo em bananas, laranjas, limões e marmelos; terceiro em mangas e quinto em abacaxis.

FEIJÃO

** Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Com o retorno das chuvas, cresce a expectativa para uma boa safra de feijão. Nos primeiros quatro dias de outubro ocorreram chuvas em praticamente todo o Estado. O último levantamento semanal da equipe do Deral/Seab mostra que a área plantada do feijão das águas está em torno de 56% da área estimada, o equivalente a 78 mil hectares. Cerca de 40% das áreas a campo estão na fase de germinação e 60% na fase de desenvolvimento vegetativo. As áreas a campo foram avaliadas, em sua grande maioria, em condições boas.

O preço médio mensal recebido pelos agricultores em setembro foi R\$ 274,84/sc de 60 kg para o feijão tipo cores e R\$ 242,18/sc de 60 kg para o tipo preto.

O Brasil está finalizando a colheita da 3ª e última safra da temporada 2020/21 de feijão, faltando apenas algumas áreas conduzidas por pivôs, a serem colhidas em outubro.

TOMATE 1ª SAFRA

** Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

A área destinada ao cultivo do primeiro ciclo do tomate é de 2,4 mil hectares, declínio de 3% em relação à safra do ano anterior. O volume estimado pode alcançar 150 mil toneladas, aumento de 3% em relação à safra passada. Cerca de 51% da área foi semeada, sendo que 91% estão em boas condições e 9% em condições médias. A colheita do fruto deve iniciar em meados de dezembro.

De acordo com levantamento do Deral/Seab, o preço médio mensal recebido pelos agricultores em setembro de 2021 foi R\$ 102,17 a caixa de 23 kg, aumento de 48% em relação aos valores médios do mês anterior. No varejo, o preço está em alta, aumento em 46% na média mensal em relação a agosto, passando o quilo para R\$ 7,31. Devido à menor oferta do tomate nas regiões produtoras do País, o preço do fruto encareceu para o consumidor. O Paraná passa por uma entressafra, e o abastecimento depende de produtos de outras unidades da federação.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

As condições climáticas, que vinham dificultando os trabalhos no campo há alguns meses, se alteraram no último sábado e domingo. As chuvas que ocorreram no final de semana foram bastante intensas e abrangentes, beneficiando todas as regiões produtoras de mandioca.

Os trabalhos de colheita e de plantio serão retomados assim que for possível a entrada de máquinas e caminhões nas lavouras. Com a dificuldade na colheita durante as últimas semanas, muitas indústrias passaram a se abastecer em regiões mais distantes, como Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

A safra 2021/2022 está estimada em 126.000 hectares e uma produção de 2.850.000 toneladas de mandioca em raiz. Caso esta previsão se confirme, a área de plantio será menor em 10% e a produção em 14%, comparativamente à safra 2020/2021. Esta redução está atribuída, principalmente, aos baixos preços, em especial durante o ano de 2020 e no primeiro semestre de 2021, e pelo elevado aumento nos preços de arrendamento das terras para o plantio de mandioca.

Boletim Semanal* – 39/2021 – 07 de outubro de 2021

Segundo os empresários, devido à seca, a última semana apresentou o menor volume de esmagamento de mandioca e provocou até uma interrupção momentânea em algumas indústrias. Com a reduzida oferta de matéria-prima às indústrias, os preços se mantiveram aquecidos. Na última semana, a média recebida pelos produtores foi de R\$ 521,00/t de mandioca, posta na indústria. Este valor equivale ao aumento de 1,8% referente ao período anterior. A fécula foi comercializada a R\$ 74,00 a saca de 25 kg, aumento de 0,6%, e a farinha crua vendida por R\$ 104,00 a saca de 50 kg, com aumento de 1% referente à última semana.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Com as chuvas ocorridas em boa parte das regiões produtoras no último fim de semana, os trabalhos de plantio da safra 2021/22 ganham novo ritmo no Paraná. As precipitações possibilitam melhores condições de campo para que as lavouras já semeadas tenham um bom desenvolvimento, e, em algumas regiões, devolvem parte da umidade necessária para dar início ao plantio, trazendo assim expectativa de uma boa safra em relação à produtividade.

O relatório de plantio e colheita divulgado esta semana aponta que os produtores paranaenses semearam aproximadamente 918 mil hectares, que correspondem a 16% da área estimada para este ciclo. No mesmo período de 2020, o total semeado era de 430 mil hectares ou 8% da área estimada.

Segundo as informações repassadas pelos técnicos do Deral, as condições de campo das lavouras semeadas até o momento são boas. Em relação às fases, 71% da área encontra-se em germinação e cerca de 29% está em desenvolvimento vegetativo.

Preços

O produtor paranaense recebeu, em média, em setembro de 2021, R\$ 156,89 pela saca de 60 kg de soja. O valor é 28,5% superior a setembro de 2020 e 1,2% maior que em agosto último.

MILHO

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O plantio do milho de primeira safra no Paraná se encaminha para o final. Segundo o último levantamento divulgado pelo Deral, a área semeada gira em torno de 314 mil hectares, ou 75% da área estimada

Boletim Semanal* – 39/2021 – 07 de outubro de 2021

para o ciclo. Em termos de comparação, no mesmo período de 2020, a área semeada era de 232 mil hectares, ou 65% do total estimado à época.

O levantamento aponta ainda que, das lavouras a campo, 2% da área se encontra em condições médias e 98% estão em condições boas. Com relação às fases: 23% estão em germinação e o restante, 77%, em desenvolvimento vegetativo.

Preços

O produtor paranaense de milho recebeu, em média, em setembro de 2021, R\$ 85,66 pela saca de 60 kg. O valor é 70,2% superior a setembro de 2020. Já em relação a agosto de 2021, o valor recebido é 8,5% inferior.

TRIGO

** Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

A colheita de trigo chegou a 58% da área, o que significa que o Paraná já tem trigo disponível em excedente para o consumo nacional mensal, estimado em aproximadamente um milhão de toneladas. A disponibilidade junta-se a uma importação mensal de aproximadamente 550 mil toneladas ao longo deste ano, bem como ao início da colheita no restante do Mercosul, ocasionando o momento de mais

alternativas para compras do cereal pelos moinhos.

Apesar do aumento de oferta, os preços seguem em bons patamares para os vendedores internos, dada a valorização recente do trigo no mercado internacional e a desvalorização do real. Em setembro, os produtores receberam R\$ 87,59 por saca, valor bastante similar aos R\$ 87,75 praticados em agosto, quando a colheita era incipiente, e 41% superior ao preço de setembro de 2020.

No câmbio de fechamento de setembro (R\$ 5,44), o preço recebido pelo triticultor paranaense equivale a 268 dólares a tonelada. Por outro lado, em agosto, a indústria recebeu o primeiro carregamento de trigo de origem russa em 2021, por US\$ 248/t. Apesar do preço FOB russo estar bastante competitivo, o frete mais caro em relação ao mercado interno, e mesmo a outros fornecedores internacionais, acaba limitando esse mercado no Brasil.

PECUÁRIA DE CORTE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Casos da Vaca Louca e Números das Exportações

Os valores da arroba bovina, que vinham em ascensão no Paraná, apresentaram queda de 2% em setembro em relação a agosto do corrente ano (de R\$ 309,74 para R\$ 304,04). Os dados em relação aos preços recebidos pelos produtores foram levantados pelo Departamento de Economia Rural (Deral).

Entidades e especialistas do setor justificam, como razão desta pequena queda, os dois casos de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), conhecida como Doença da Vaca Louca, ocorridos em frigoríficos de Minas Gerais e Mato Grosso. Após a confirmação dos casos em 4 de setembro, o Ministério da Agricultura cancelou as exportações de carnes bovina para a China como uma medida cautelar, uma vez que nosso país é o maior exportador mundial de proteínas de origem animal.

No Brasil é proibida a alimentação de bovinos com resíduos de origem animal, portanto a restrição comercial foi mais uma medida diplomática, do que uma proteção a riscos devido à doença.

Exportações para a China

Em 2021 (janeiro a agosto), do total de carne bovina exportada pelo Brasil, 47% foram destinadas à China. Entre os anos de 2018 e 2020, esse país elevou em 170% o volume importado do Brasil, devido a casos de peste suína africana ocorridos em seu território em 2018.

A suspensão das exportações para a China se deu por conta do estrito protocolo sanitário em vigor entre os dois países. Como se trata de casos isolados, espera-se que a China volte, no curto prazo, a comprar a carne bovina brasileira, ainda se levando em consideração que o país asiático está ávido pela aquisição de proteínas de origem animal para alimentação de sua população.

O Brasil, sendo um dos poucos países com produção crescente, sustentável e ecologicamente correta, certamente está entre os mercados mais disputados por grandes nações que necessitam adquirir carne bovina.

Casos atípicos como esses não são considerados graves e o Brasil continua sendo um país de "risco insignificante" para a doença.

Boletim Semanal* – 39/2021 – 07 de outubro de 2021**APICULTURA**

* Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva

Exportação nacional de mel cresce 20,2% em volume e 106,5% em faturamento

Segundo Agrostat Brasil, de janeiro a agosto de 2021 as agroindústrias da apicultura brasileira exportaram 37.491 toneladas de mel *in natura*, volume 20,2% maior do que o obtido em igual período de 2020 (31.198 toneladas).

O faturamento em dólares foi de US\$ 128,614 milhões, 2,1 vezes mais que o valor alcançado em igual período de 2020 (US\$ 62,284 milhões).

O preço médio nacional do mel exportado, em 2021, atingiu US\$ 3.430,53/tonelada (US\$ 3,43/Kg), 71,8% a mais que o valor médio de igual período do ano de 2020 (US\$ 1.996,41/tonelada / US\$ 2,00/Kg).

Considerando-se os oito meses de 2021, o **Paraná** continua na condição de terceiro maior exportador de mel *in natura* (receita cambial: US\$ 26,080 milhões, volume: 7.906 toneladas e preço médio: US\$ 3.298,78/tonelada / US\$ 3,30/kg), com crescimento de 8,6% no volume exportado (2020: 7.283 toneladas) e US\$ 1.884,98/tonelada / US\$ 1,88/kg), 111,8% no faturamento (2020: US\$ 13,729

milhões) e 75,0% no preço médio (2020: US\$ 1.884,98/tonelada).

No acumulado de janeiro a agosto de 2021, o **Piauí** prossegue destacando-se como maior exportador (US\$ 37,462 milhões, 10.671 toneladas e US\$ 3.510,67/tonelada).

Em segundo lugar agora aparece **Santa Catarina** (US\$ 29,360 milhões, 8.705 toneladas e US\$ 3.372,82/tonelada). Em 4º lugar, continua o estado de **São Paulo** (US\$ 12,012 milhões, 3.560 toneladas e US\$ 3.374,09/tonelada) e em 5º, **Minas Gerais** (US\$ 9,555 milhões, 2.726 toneladas e US\$ 3.505,28/tonelada).

O principal destino para o mel brasileiro, em 2021, continua sendo os **Estados Unidos da América (EUA)**, com 76,3% de todo volume exportado (37.491 toneladas): volume de 28.610 toneladas, receita cambial de US\$ 97,818 milhões e preço médio de US\$ 3.418,98/tonelada.

Tais números da importação norte-americana em 2021 representam um crescimento de 20,3% sobre o volume exportado em 2020 (23.799 toneladas) e de 112,6% sobre o faturamento (US\$ 46,018 milhões).

Dentre os demais principais países destinos do mel brasileiro, nos oito meses de 2021, estão (volume, faturamento, preço

Boletim Semanal* – 39/2021 – 07 de outubro de 2021

médio): **2º - Alemanha** (4.051 toneladas / US\$ 14,112 milhões / US\$ 3,06/kg), **3º - Canadá** (1.722 toneladas / US\$ 6,181 milhões / US\$ 3,59/kg), **4º - Austrália** (826 toneladas / US\$ 2,707 milhões / US\$ 3,28/kg), **5º - Países Baixos** (566 toneladas / US\$ 1,901 milhão / US\$ 3,59/kg), **6º - Reino Unido** (555 toneladas / US\$ 1.924 milhão / US\$ 3,47/kg), **7º - Bélgica** (485 toneladas / US\$ 1.594 milhão / US\$ 3,29/kg), **8º - Espanha** (181 toneladas / US\$ 361.972 / US\$ 3,10/kg), **9º - Panamá** (103 toneladas / US\$ 358.451 / US\$ 3,48/kg), e **10º - Eslováquia** (103 toneladas / US\$ 310.139 / US\$ 3,01/kg).

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Produção brasileira de ovos foi de 4,767 bilhões de dúzias em 2020, aponta IBGE

Em 30 de setembro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), trazendo que a produção de ovos de galinha em 2020 cresceu 3,5%.

Segundo o IBGE, 83,1% dos ovos foram provenientes de granjas de médio e grande porte. A produção nacional de ovos de galinhas, em 2020, foi de 4,767 bilhões

de dúzias (57,204 bilhões de ovos), alta de 3,5% em relação a 2019, cuja produção foi de 4,605 bilhões de dúzias (55,260 bilhões de ovos), e 7,6% superior à produção de 2018, que alcançou 4,430 bilhões de dúzias (53,160 bilhões de ovos).

Em 2020, a produção brasileira de ovos de galinha gerou um valor bruto superior a R\$ 17,813 bilhões, sendo que a produção foi mais um recorde da série histórica que, desde 1999, segundo o IBGE, aumenta a cada ano.

Em 2020, o estado de São Paulo, maior produtor nacional, concentrou 25,6% da produção (1,222 bilhão de dúzias), seguido do Paraná, com 10,5% (450,160 milhões de dúzias) e Minas Gerais, com 9,6% (405,669 milhões de dúzias).

Em 2020, com uma produção de ovos da ordem de 450,160 milhões de dúzias (valor bruto da produção de R\$ 1,45 bilhão), o Paraná superou em 2,3% a produção de ovos de 2019 (440,062 milhões de dúzias) e em 8,3% a quantidade produzida em 2018 (415,949 milhões de dúzias).

A Região Sudeste é a principal região produtora de ovos do País, com quase 43,0% da produção nacional (2,048 bilhões de dúzias).

Os cinco principais municípios produtores continuam sendo (milhões de

Boletim Semanal* – 39/2021 – 07 de outubro de 2021

dúzias): **Santa Maria de Jetibá** - ES (371,587), **Bastos** - SP (285,500), **Primavera do Leste** - MT (98,500), **São Bento do Una** – PE (93,665) e **Itanhandu** - MG (24,154).

Dentre os 50 maiores municípios brasileiros produtores de ovos em 2020, aparecem três paranaenses (milhões de dúzias): 14º - Arapongas (42,971), 40º - Santo Antônio do Sudoeste (20,897) e em 43º lugar, Cruzeiro do Sul (19,853).

A pesquisa também mostra que o número de galinhas criadas para produção de ovos cresceu 2%, somando 252,6 milhões.

São Paulo teve o maior efetivo, com 21,4% do total nacional, seguido por Paraná (9,9%), Minas Gerais (8,3%), Rio Grande do Sul (7,9%) e Espírito Santo (7,2%).

Os principais estados brasileiros produtores de ovos, em 2019, foram (mil dúzias): 1º - **São Paulo** (1.174.782), 2º - **Paraná** (440.062), 3º - **Minas Gerais** (412.604), 4º - **Espírito Santo** (396.974), 5º - **Rio Grande do Sul** (345.218), 6º - **Pernambuco** (281.876), 7º - **Goiás** (266.234), 8º - **Santa Catarina** (236.006), 9º - **Mato Grosso** (236.006), e 10º - **Ceará** (234.379).

Com a produção de ovos crescendo 3,5% em 2020, em relação a 2019, os

principais estados na criação de aves poedeiras foram (mil dúzias): 1º - **São Paulo** (1.222.252), 2º - **Paraná** (450.160), 3º - **Minas Gerais** (405.669), 4º - **Espírito Santo** (402.073), 5º - **Rio Grande do Sul** (358.292), 6º - **Pernambuco** (2751.856), 7º - **Santa Catarina** (273.089), 8º - **Goiás** (266.471), 9º - **Ceará** (245.035), e 10º - **Mato Grosso** (243.380).

Os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Mato Grosso, Ceará e Goiás experimentaram aumentos de produção de ovos de 2019 para 2020, respectivamente de 7,0%, 2,3%, 9,3%, 3,8%, 1,3%, 4,5% e 0,1%. Por outro lado, Minas Gerais (-1,4%) e Pernambuco (-2,1%) tiveram retração da produção de ovos.

A partir de 2011, o Paraná, com 388,733 milhões de dúzias, passou a ocupar o 2º lugar na produção nacional de ovos, ultrapassando o estado de Minas Gerais, que produziu 366,452 milhões de dúzias.

Vale a ressalva de que a produção levantada abrange não apenas os ovos de consumo, mas também os destinados à incubação e que, pelos levantamentos trimestrais do IBGE, representaram em torno de 20% do total produzido nacionalmente.

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!